PODER LEGISLATIVO
CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM
Avenida Dr. Anysio Chaves, 1001 — Aeroporto Velho
CEP: 68030-290 - SANTARÉM-PARÁ
CNPJ n° 10.219.202/0001-82

GABINETE DA VEREADORA BARBARA MATOS (PP)

PROJETO DE LEI Nº /2026

Ementa: Projeto de Lei que declara o Grupo Canto de Várzea como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Santarém e dá outras providências.

A Câmara Municipal de Santarém, no uso de suas atribuições regimentais, faz saber que aprovou a seguinte proposta de lei:

Art. 1º Fica declarado como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Santarém o Grupo Canto de Várzea, em razão de sua relevante contribuição para a formação, preservação e difusão da identidade cultural santarena e amazônica.

Art. 2º O Município poderá apoiar, na forma da legislação vigente, ações que visem à preservação, valorização e difusão da história e da produção artística do Grupo Canto de Várzea, observadas as normas orçamentárias e financeiras.

Art. 3º A presente Lei não implica criação de despesa obrigatória ao Poder Executivo, nem institui obrigação de natureza financeira, ficando eventual apoio condicionado à existência de dotação orçamentária própria e à conveniência administrativa.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das sessões, Plenário da Câmara Municipal de Santarém, em 02 de março de 2026.

Bárbara Matos
Vereadora-PP

JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Lei tem por finalidade conferir ao Grupo Canto de Várzea o reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Santarém, em razão de sua inegável contribuição para a formação, preservação e difusão da identidade cultural santarena e amazônica.

Nos primeiros anos da década de 1980, um grupo de jovens universitários santarenos reunia-se no período de férias acadêmicas para cantar canções de protesto e refletir sobre temas emergentes, como o desmatamento da Amazônia, preocupação que já se fazia presente naquele contexto histórico. Movidos pelo compromisso social e pelo desejo de expressar, por meio da arte, as inquietações e riquezas culturais da região, nomes como Beto Paixão, Emir Bemerguy Filho, os irmãos Jefferson Luís e Mariano, entre outros, decidiram, no início de 1982, fundar o Grupo Canto de Várzea.

O primeiro espetáculo, intitulado *"Amazônia... de mata a sertão"*, apresentado em março de 1982, na sede do São Francisco Futebol Club, marcou oficialmente a inserção do grupo no cenário musical santareno e paraense. A partir de então, o Canto de Várzea passou a desempenhar papel relevante na cena cultural local, realizando apresentações regulares em Santarém, em Belém e em diversas cidades do Baixo Amazonas, além de levar a música amazônica a outros estados, como Santa Catarina, ampliando o alcance de sua mensagem artística.

Ao longo de sua trajetória, o grupo produziu importantes trabalhos autorais, entre os quais se destacam *Dança da Mata* (1984), *Canto das Águas* (1985), *Menestréis Urbanos* (1987), *Cantoria Cabocla* (1988), *A Paixão segundo Beto* (1991) e *Cantando a Cidade* (1995).

Dentre essas obras, "Dança da Mata" consolidou-se como um verdadeiro marco artístico, tornando-se um dos maiores sucessos do grupo. Lançada em um período de efervescência cultural na Região Norte, a canção conquistou o público pela forte identidade amazônica, pela riqueza rítmica e pela poesia que valoriza a natureza, os costumes e o imaginário popular da floresta. Até os dias atuais, é amplamente executada em festivais e celebrações, sendo frequentemente entoada em coro, o que demonstra sua permanência no imaginário coletivo.

Outra composição de profundo significado é "Canto de Várzea", de Beto Paixão e Samuel Lima, reconhecida como o carro-chefe do grupo e uma das mais emblemáticas expressões musicais da cultura santarena. A música traduz a identidade ribeirinha, os saberes populares e a íntima relação do povo com a várzea, os rios e a floresta. Presente em

praticamente todos os eventos culturais de Santarém, sejam festivais folclóricos, celebrações comunitárias ou programações institucionais, sua execução tornou-se tradição, fortalecendo o sentimento de pertencimento e orgulho regional.

A força simbólica do Grupo Canto de Várzea ultrapassa o âmbito artístico. Sua produção musical constitui verdadeiro instrumento de educação cultural, consciência ambiental e valorização das raízes amazônicas, contribuindo para a preservação da memória coletiva e para a afirmação da identidade do povo santareno. A gravação do CD e DVD comemorativo dos 25 anos do grupo reafirmou sua relevância histórica, celebrando uma trajetória marcada pela coerência artística, engajamento social e reconhecimento popular. Importa destacar que referido lançamento consistiu em registro fonográfico oficial realizado no ano de 2007, produzido pelo Selo Paranatinga, com apoio institucional da Prefeitura Municipal de Santarém, circunstância que evidencia não apenas o valor cultural da iniciativa, mas também o reconhecimento público da importância do grupo para a identidade artística do Município.

Tal registro consolidou, em suporte permanente, o repertório que marcou gerações, preservando a memória musical local e projetando a produção cultural santarena para além das fronteiras regionais. Trata-se, portanto, de marco histórico que eterniza a contribuição do grupo ao patrimônio cultural imaterial de Santarém, reforçando sua legitimidade e relevância no cenário cultural amazônico.

Diante de sua contribuição contínua à cultura local, da permanência de suas obras no repertório afetivo da população e de sua relevância histórica para a música amazônica, é plenamente justificável o reconhecimento do Grupo Canto de Várzea como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Santarém, assegurando-se a devida valorização, proteção e promoção de um legado que pertence à memória e à identidade do nosso povo.

Bárbara Matos
Vereadora-PP

Apoio Cultural:

Mello Azevedo

unimed OESTE DO PARÁ

LABORATÓRIO CELSO MATOS

RENOVADORA TROPICAL

CR Clean serviços

N/M GPII

SISTEMA TAPAJÓS DE COMUNICAÇÃO



Canto de Várzea: 25 anos de sons, sonhos e poesia...



Quem não andou pela mata
Não viu a paca roer
Dores da sapucaia
(Beto Paixão)

Não dá pra esquecer
Esse rio cristalino
E esses sonhos de menino
Que eu guardei
(Otacílio Amaral)

Nos primeiros anos da década de 80, marcados ainda pela mão de ferro da ditadura militar instalada no país em 1964, um grupo de jovens universitários santarenos, vindos quase sempre de Belém, para onde a maioria tinha que se deslocar em busca de formação de nível superior, reunia-se regularmente no período das férias, para matar as saudades da terra e cantar as dores e os amores próprios da juventude da época. Juntavam-se, então, aos universitários vindos de outras regiões, que integravam o chamado Projeto Rondon ou vinham em programas de extensão dos campi avançados de Universidades do Sudeste do país, aqui instalados, para exercitar a rebeldia contra a situação do Brasil, para cantar as canções de protesto tão em moda ou para pensar em temas emergentes, tais como a questão do desmatamento na Amazônia, que já era uma preocupação naqueles anos.

Alguns desses jovens, como Beto Paixão, Emir Bemerguy Filho, Nicolau Paixão, Samuel Lima, Nilson Vieira, e os irmãos Jefferson Luís e Mariano, reunidos no início do ano de 82, resolveram formar um grupo musical ao qual deram o nome de Grupo Canto de Várzea, que apresentou seu primeiro show, denominado *"Amazônia... de mata a sertão"*, no começo de março de 1982, na sede do São Francisco Futebol Clube, em Santarém (PA). No palco, um canto a muitas vozes e violões, lapidados sobre a poesia e musicalidade de Beto Paixão, tão marcadamente amazônicas.

No repertório um convite ao deleite da poesia e à reflexão que apaixona e pede ação: *"Vem me dê a mão/ vamos junto olhar/ veja como é tão lindo/ o Tapajós infindo/ o sol, céu espelhar/ Quem viu Cambuquira/ tem no peito a ira/ de*

ver a beleza/ da mãe natureza/ se urbanizar". Os versos de "*Tapajós, arte e cultura*", de Beto, traduziam aquilo que o filósofo santareno João Batista Moreira identificava como algo subjacente "à pretensa expressão artística pura", dois anos depois, na apresentação do show *"Canto das Águas"*.

Até meados da década de 1990, o grupo se apresentou regularmente, em Santarém, Belém e no Baixo-Amazonas, tendo se apresentado, ainda, em Florianópolis (SC), cantando e tocando as coisas da "Terra Querida" e da Amazônia. Depois de *"Amazônia... de mata a sertão"*, vieram outros trabalhos: *"1ª Mostra da Nova Música Popular Santarena"* (1983), *"Dança na Mata"* (1984), *"Canto das Águas"* (1985), *"Menestréis Urbanos"* (1987), *"Cantoria Cabocla"* (1988), *"A Paixão, segundo Beto"* (1991) e *"Cantando a Cidade"* (1995).

Canções, imagens e sons da várzea...

No texto de apresentação do *"Amazônia... de mata a sertão"*, o grupo escreveu: "Como dizia Violeta Parra 'por suerte tengo guitarra y también tengo mi voz' E com nossa voz, e com nossa música pretendemos lançar nosso protesto diante da situação (desmatamento da Amazônia)", além de mostrar a nova geração de compositores santarenos, que usando uma linguagem bem nossa, pretende que esse show seja um marco para a renovação de nossa música". O show, realizado na sede do São Francisco Futebol Clube, nos dias 2 e 4 de março de 1982, marcava a entrada do grupo na cena musical santarena e paraense, e teve a participação, entre outros, de Beto Paixão, Jefferson Luis, Nicolau Paixão, Emir Bemerguy Filho, Mariano, José Walter, Sandra Paixão, Edson, Marreta e Malá.

Em maio de 1983, o Canto de Várzea organiza a "1ª Mostra da Nova Música Popular Santarena". No palco, além de composições próprias interpretadas por seus integrantes, músicos e compositores como Paulinho Andrade, Zé Azevedo, Antônio Álvaro, João Otaviano (parceria com Marcília de Sousa) e Wilsinho Fonna. Destaque para a poesia musical de Beto Paixão, *"Lamento Amazônico"*: "Ai, ai, ai selva, rios, sadismos, massacres/ do Pará, Amazonas ao Acre/ a hiléia três donos pra que?". No folheto da apresentação do show o grupo reitera a "necessidade de despertar os valores para os novos rumos da música popular santarena. No mesmo ano, com a música *"A Gênese da Pérola"* (de Beto Paixão, Samuel Lima e Antonio Álvaro), o grupo ganhava o Festival de *Música* em Santarém.

"Dança na Mata", um dos maiores sucessos alcançados pelo Canto de Várzea, puxava o show realizado em fevereiro de 1984. Ritmos e metáforas que traduziam a cultura santarena e da região. Um canto de amor à Pérola: *"Santarém/ Vou além/ Nos teus encantos"*. *"Canto das Águas"* foi o show que marcou o ano seguinte, 1985. O canto de alerta, a música como parte da reflexão-ação tão almejada na defesa da natureza: *"Nada que sai do verde rio/ É vida indo em vão..."* (em *"Canto de Várzea"*, de Beto Paixão e Samuel Lima). Ou ainda, na bela imagem de Beto: *"Quem não andou pela mata/ não viu a paca roer/ dores da sapucaia"* (em *"Caminho das lendas"*, de Beto Paixão). No folheto do show "*Canto das Águas*" destaque para a capa desenhada por Zé Américo, cuja arte e paisagens amazônicas passaram a ser marca registrada dos trabalhos do grupo.

Em *"Menestréis Urbanos"* (1987), o compositor Otacílio Amaral foi o principal convidado. Everaldo Martins Filho, Emir Bemerguy Filho, João Otaviano e Otacílio Amaral fizeram a cantoria. O "bicho-homem" aparecia gritando a plenos pulmões: *"Quando não é papel, é bala/ É arame farpado, é fome/ É justiça, é humilhação"*. Mas, o grupo também cantava o lirismo: "Não dá pra esquecer/ esse rio cristalino/ e esses sonhos de menino/ que eu guardei" (em *"Mata a mata"*, de Otacílio Amaral/José Wilson Malheiros), além de render uma bela homenagem à rica cultura musical de Santarém, interpretando um pot-pourri de músicas tradicionais, tais como "A Lenda da Mandioca", "Pratos Regionais", "Cuias de Santarém" e "Feira Santarena", dos compositores Wilmar Fonseca, Felisbelo Sussuarana, José Agostinho, Maestro Isoca, Raimundo Fonna e Emir Bemerguy. A aproximação da antiga e da nova vertente da música santarena foi coroada pela emocionada interpretação, no show, do Hino de Santarém, de autoria do Maestro Isoca e Paulo Rodrigues dos Santos, dois ícones de nossa cultura.

No ano seguinte, o show *"Cantoria Cabocla"* (1988) fechava o ciclo dos anos 1980. O show foi assim apresentado pelo jornalista Manuel Dutra: "É um grito em defesa do Tapajós e de sua gente. (...) Uma declaração de amor à vida, uma tentativa de dizer a nós todos que as riquezas da natureza estão aí para nosso usufruto e, como tal, devem ser preservadas, utilizadas civilizadas, humanamente". A cantora e compositora santarena Maria Lídia teve participação especial no show, que contou, ainda com a participação de João Otaviano, Everaldo *Martins*, Eduardo Serique, Nicolau Paixão, Samuel Lima, Paulinho *Andrade* e Zé Diorlando, com produção e direção geral de Luis Alberto Pixica. No repertório desse show, além das composições conhecidas do Grupo Canto de Várzea destacavam-se as composições "Dina", de Ray Neves e "Carinho Nativo", de Eduardo Dias, que viria a ter importante participação na produção do CD comemorativo aos 25 anos do grupo.

Com *"A Paixão, segundo Beto"* (1991), o grupo abria a estrada dos anos 90. Na base, duas participações mais que especiais: o conjunto "Os Hippies" (Índio, na bateria; João Pipoca no baixo elétrico; César na guitarra Fender, e Rolim nos teclados) e o grande "Nen do Sax", botando a moçada pra dançar no *"Marambiré"*. Zé Azevedo e Nato Aguiar também participaram do show. Beto chamou as "cabôcas" pra dançar: *"É nessa dança/ que você dança comigo/ Eu te requebro/ e tu me beijas/ que perigo (...) Vem Ana Rita/ Ana Lúcia/ Ana Maria/ meu amor/ Vem Sinamor/ do Lago Grande/ Lucimar do Pacoval/ vem Deusarina/ Anacleta/ Liliana, meu amor/ Vem, por favor/ Vem num marambiré comigo..."* (em "Marambiré", de Beto Paixão).

CANTODEVARZEA 25 ANOS

Em 1995, o show "Cantando a Cidade" marcou uma das últimas aparições públicas do grupo. A partir de então as músicas do Canto de Várzea têm sido interpretadas em shows e apresentações eventuais de antigos membros do grupo como João Otaviano, Everaldo Martins Filho, Beto Paixão e outros.

Todos os shows do "Canto de Várzea" tiveram a participação de pessoas que não eram compositores, intérpretes ou músicos, mas que colaboravam nas produções, e que foram importantes para o êxito dos eventos. Citamos aqui Luiz Alberto "Pixica", Antonio "Rolinha" Dezincourt, Edmar Rosas, Nilson Vieira, Jair Pedroso, Floriano Cunha, Anderson Dezincourt, João Batista Moreira, Manoel Dutra, Zé Américo, Guilherme "Tare" Moura, etc.

Poucas dessas músicas receberam registros fonográficos de qualidade, daí a importância desse trabalho de resgate que representa a gravação do CD de 25 anos do Canto de Várzea. Esperamos, com ele, tornar disponível para os novos valores santarenos uma parte da nossa rica história musical, ao mesmo tempo em que tornamos definitivo o registro das belas canções que tanto prazer nos deu cantar.



CANTODEVARZEA 25 ANOS

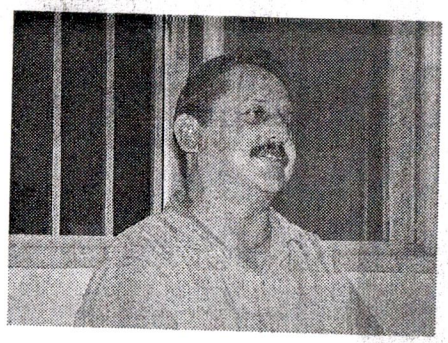
MACAMBIRA / SAUDADE DO MAICÁ
(Beto Paixão)

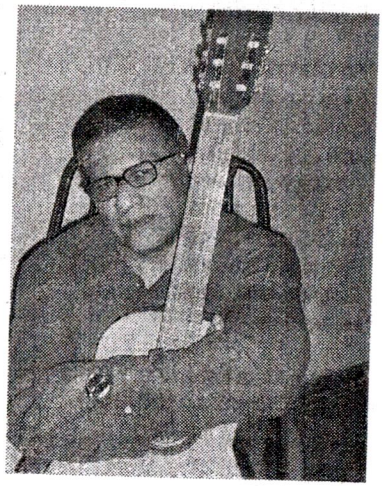
Meu passeio é botão de flor
Essa flor que navega no ar
Cheira bom que é tão bom se viver
Nas quebradas que o vento me dá

Eu já voei pelos montes da aldeia
Pelas ruas eu só quero andar
Andorinhas na torre da igreja
Gaivotas no rio a bailar

Ponta de areia, praia de rio
Voa no vento desse navio
Vai Macambira, segue pra lá
Lá onde o vento quer te levar

Uma casa lá na selva
Bem perto da serra
Uma casa velha
Um lar pra amar
Uma carteira e um cigarro de palha
E navalha, um canto canalha
Pra escutar
O que ver em noite cheia
De estrela na veia
Ter o que mirar
Na teia do lago
Um gado não magro
Cavalos e ovelhas
Nos campos a pastar

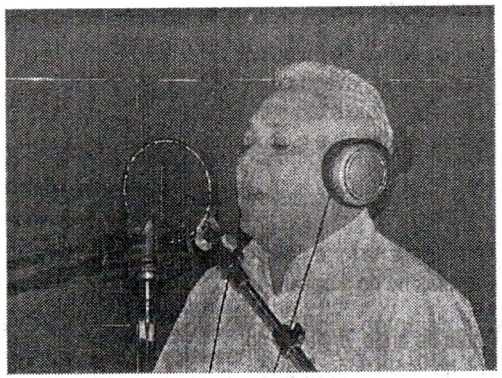




Ai, que saudade do Maicá
Ai, que vontade de lá voltar

Peixe assado na brasa
Pimenta amassada
Nas terras amadas de tanto plantar
Não incomodar a caçada
De um índio que vaga
Ver lebre correndo na relva a pular
Não ver o que é males
De homem que mata o verde da mata
Polui o ar
Amanhecer com as aves
Na sonoridade de um canto fagueiro
E o sol a clarear

MATAMATÁ
(Otacílio Amaral)

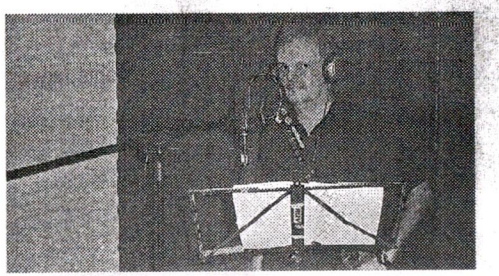


Não dá pra esquecer
Esse rio cristalino
E esses sonhos de menino
Que eu guardei
Não dá pra entender
Todas essas mãos
Todas essas máquinas
Rasgando tua terra
Partindo teu coração de mata
Mata, mata

Refrão: Mata peixe, mata gente
Mata bicho, mata a mata (bis)
Matamatá (pra finalizar)

Meu Deus
Quanta tristeza
Que a gente nem acredita
Que isso é coisa de homens
Quero plantar, rememorar
Um benjamim que eu vi um dia
Quero andar por essa rua
Que um dia já foi praia
Essa ilusão que vai
Muito além da água
Lavando a alma
Sem pensar na salvação

Quero peixe, quero gente
Quero bicho, quero tudo (bis)



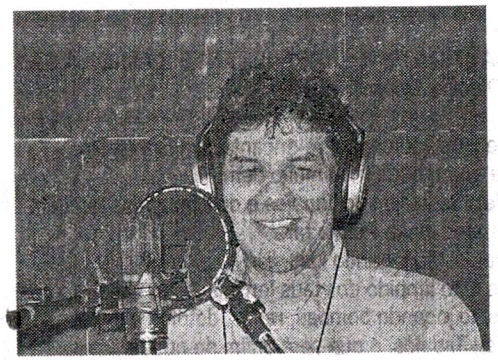
AMOR DE ÍNDIO
(Beto Paixão)

Se eu negar a cor de ser
Um índio bravo
Se tajá vier a ser
Também sou cravo

O que sei de cachoeira
Será um alívio
Num chocalho de imbaubeira
Farei você

Que não é chuva
Não é, não é
Não é a folha do mururé
Não é à sombra do açaizal
Serás o amor de um índio mau
Serás a pena do papagaio
Terás a pena que a gente tem
Serás assim uma indiazinha
Serás enfim, o meu querer bem.

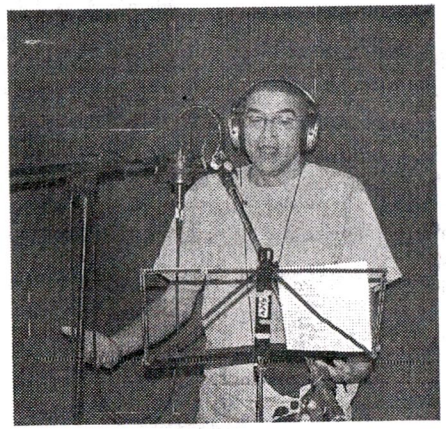
IARA, O CANTO
(Beto Paixão)



Selva, minha cabocla
Onde eu me sinto bem
Ouvindo da Mãe D'Água
O canto leve em Santarém

Como Piracauera
Juruti, Faro, Ourém
Ouvem o canto de Iara
Que da Amazônia vai pro além

Outras lendas ecoam
Cantam no Rio-Mar
Lembram praias perdidas
E o banho frio no Irurá



A GÊNESE DA PÉROLA
(Beto Paixão-Samuel Lima-Antonio Álvaro))

Tribo, tambor, maracá
Muiraquitã sorte a dar
Barro enseada, esculpindo o pensar
Nurandalú a cuidar
Do ritual Tupaiu ao luar
Preces refletem o louvar
Na imensidão paraná

Erê, Erê
Curicatu
Festa no céu Tupaiu
Sebastião beija flor
Deus do amor
Linda Potira encantou
Do sangue luso
Mesclado ao Tupi
Do amor nasceu Borari
Moaçara do Tapajós

Veio de rio
Barco a singrar
Nessa missão
De aqui ensinar
Foi dominado o lugar
Tribo, tambor, maracá

CANTODEVARZEA 25 ANOS

CANTIGA ENTRE IRREVERENTE E AMIGA A SANTARÉM DO TAPAJÓS
(Otacílio Amaral)



Sei que vou cantar, re-encantar em Santarém
Te quero bem, meu muito bem
Meu Santarém do Tapajós e do Amazonas também
Te amo muito Pérola rara
Mas estão jogando luxo, lixo
No leito límpido dos teus lençóis
Estão jogando bombas, redes, detritos e anzóis
Meu Tapajós, o que será enfim de nós?
Do teu céu azul?, Do teu pôr-de-sol? (Bis)

Mas o que eu quero mesmo é poder continuar
É assistir por assistir, agarradinho
Um bang-bang, um kung-fu, uma chanchadinha
No Cinema Olímpia

Meu Tapajós, não quero ver o que vão fazer de ti
Do teu Irurá, do teu Mapirí
Do teu vento doce, do teu açaí
Da tua morena mulher
Do teu povo aflito, e do nosso chibé
Mas o que eu quero mesmo é poder continuar
É te olhar, é te sentir, é te cruzar

Meu Tapajós, não quero ser
Mas sou saudoso em te lembrar
Se construindo ao deus-dará
Sem essa pressa de chegar
Deixando o seu Marçal pescar
Sabendo que a vida, que a morte é certa
E que é isso que se vai buscar
Deixar que você seja a flor da natureza
"Pérola do Tapajós"
Casa limpa e bela de todos nós

CANTODEVARZEA 25

AMAZÔNIA
(Beto Paixão)

Este nome é mata, é selva
Esta selva é lenda, é rio
Este rio que corta ao meio
É fita desse Brasil

É Amazônia, Amazônia...

Terra de beleza, fauna
Pororoca é natural
Jamanxim é rio de tribo
O minério, bamburral
Guamá, Tapajós e Solimões
Em meio à flora é Manaus
Tem pirâmide de índio guerreiro
E o toc-toc pica-pau

É Amazônia, Amazônia...

Quando da secura, a várzea
É paraíso de animais
Dá canário, camaleão
E à noite voa o bacurau
No Xingu a tribo se entregou
A morra do artificial
Pois em devaneio colocou
E tirou-lhe todo o natural

É Amazônia, Amazônia...



LAMENTO AMAZÔNICO
(Beto Paixão)

Por que é que boto vira gente
Enganando cabocla ele mente
E na mata o índio que mata
Mata o homem que quer lhe comer
Me arresponde guariba da noite
Por que vives na selva a gemer

Ai, Ai, Ai, selvas, rios, sadismos, massacres
Do Pará, Amazonas ao Acre
A hiléia, três donos, pra que?
Ai, Ai, Ai, as fazendas de donos banqueiros
Violão, tambaqui, travesseiro
É a vida do homem de cá

Essa selva de luar em prata
Tem Jaci, tem montanha, Ererê
Febre e dor têm enchente que mata
Peixe-boi, tem saci pererê
Na folhagem dá pulga e traças
Pirilampos, cigarras e sapos

Ai, Ai, Ai, Selvas, rios, sadismos, massacres
Do Pará, Amazonas ao Acre
A hiléia, três donos, pra que?
Ai, Ai, Ai, As fazendas de donos banqueiros
Violão, tambaqui, travesseiro
É a vida do homem de cá.

CALUNDUM DA M'BÓIA
(Maria Lídia)

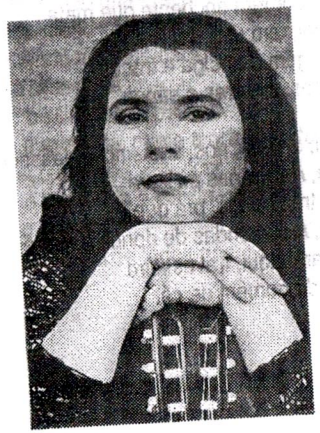
No meio do lago,
no meio do lago,
do Lago Juá
mora uma cobra grande
conhecida por M'bóia
serviçal de Perudá

Se falarem da moça,
do rapaz e do vigário
do cantor, do empresário,
do doutor e do prefeito
é só levar pra Mbóia
que M'bóia dá um jeito

Pajé lunático
aquático tribunal

que devora réu que é mau,
que ao bom réu, só faz o bem

Quero ver se existe alguém
quero ver se existe alguém
com medo da cobra grande
do Juá, em Santarém.



FOGO DO SAIRÉ
(Maria Lídia Doka Fernandes)

Em setembro, todo ano
há um festival profano
na vila de Alter-do-Chão
onde tupaiús, turistas
Mocorongos, anarquistas
formam uma só nação
Deus Tupã se manifesta
e abençoa a grande festa
desse povo em comunhão
coração é alegria
quero dança e cantoria
toca, toca, Espanta Cão

Com a rima na ponta da língua,
com a dança na ponta do pé,
vou por terra, ar e água
para o fogo do Sairé.

Palavra de ordem, brincar noite e dia
quem fica parado estraga a folia
rapaz que requebra demais quando dança
atraca de popa, não poupa a poupança

Quem vai pro escuro caçar gafanhoto
ou pisa na cobra ou topa com o boto
perigo é namoro na beira da praia
tem caco de vidro, piranha e arraia

Cigarro que fede a palha queimada
Papai não suporta e mete a porrada
Cabra cachaceiro, vê se não fulera
na próxima esquina, a polícia te espera

Aqui, catraieiro, te dou um trocado
me leva depressa lá pro outro lado
ó, Dona Maria, acabe essa broca
e sirva um peixinho na sua maloca.

ELEGIA ECOLÓGICA
(Antonio Álvaro)

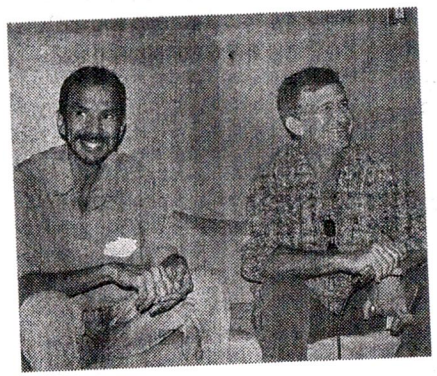
Estão matando a terra
E os seres desta terra
Peixes dizimados, aves derradeiras
Não há paz pra natureza

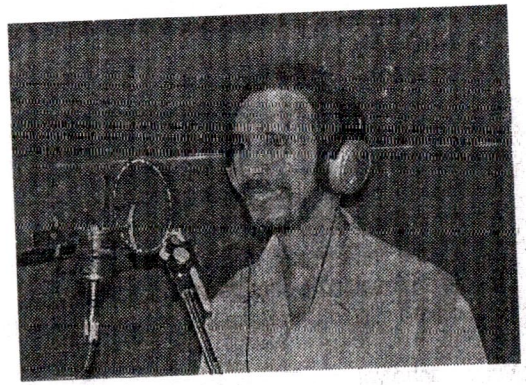
As rochas escarpadas
As flores perfumadas
São nossas irmãs, somos irmãos
Partes da terra
Ninguém é senhor dela

O pássaro... se joga no cálculo
Que assoma o peso do seu galho
O sábio... capta o movimento distraído
Da espessura do galho, poleiro e ninho

Ó minha mãe
Alma verde pé no chão (bis)

Alguém cortou o galho
Lá se foram os filhos do pássaro
Pelo chão





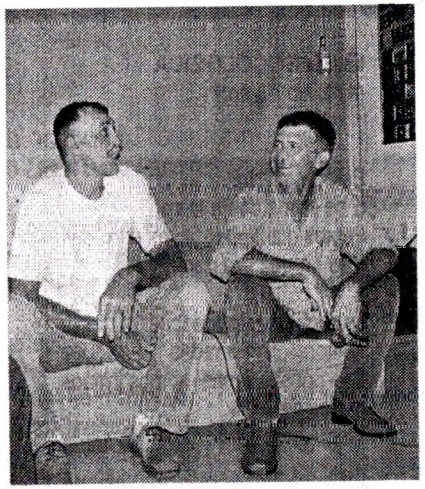
MAR DULCE
(Antonio Álvaro)

Faz parte da vida vernante e pujança real
Raízes de corpo nativo e cultivo rei mar
Campina é mais natureza no vaso rincão
O povo do barco voltou a singrar água-mãe
Há períodos de enchente fecundos pro chão

País das Amazonas
Mar doce é coração
Desemboca qualquer coisa
Melhor coisa vem dos céus

Nos tempos de várzea vazante há novos currais
A flor açucena brotou nas estivas gerais
Na margem dos sonhos as jaqueiras não vão acab
O vento amativo depende das folhas vitais
Toda poesia está nos cachos de lá

Água verde e fluido barrento estão a rimar
Nos contornos cristalinos Mar Dulce é doce mar
Nesses brejos vagueiros que vão frutificar
Nos afluentes ribeiros caboclos do mar



ZEZINHO VAI
(Zé Azevedo)

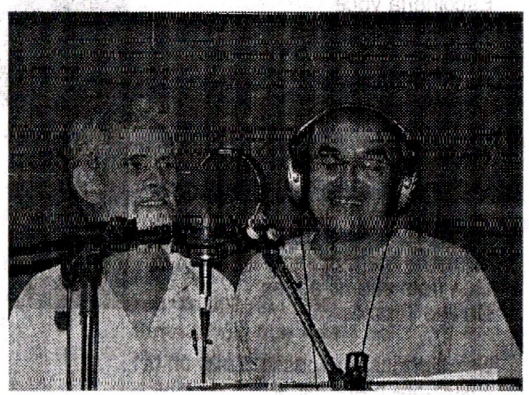
Brincando de manhã quando criança era tão legal
Pular no carro de boi do seu Lulu não fazia mal
Os jogos de patela e de botão, pião eram divertidos
No ar meu papagaio rabeava
Mas a linha tinha vidro
Depois da reunião de sacristão tinha o bate bola
E na minha escola São Raimundo conheci o mundo

Vai, Zezinho vai
Vai, vai aprender
Que esse mundo é grande
Tens que conhecer
Tens que aprender

Descia o Veterano na carreira lá pra beira ao por do sol
Nadava e mergulhava e apostava
Na luta do homem rã
Pulando é que passava o Jaraquí e a gente tava ali
No ritual da pesca de cardume estava o boto tucuxi
Charutinho, Caratinga e Mandií na piracaia
É noite de luar
O tempo é uma festa que desova
Nos ovos de tracajá

Domingo era o torneio do campo do seu Guilherme
Estrela Dalva, Canarinho, Palmeiras, Rio Negro e Guarany
Só no final do jogo é que o Valter me colocava
Levanta do banco entra Zé, sai Zé, termina o jogo
Da Coroa de Areia, o Trapiche, Vera Paz e Salvação
Curro Velho, Laguinho e Mapirí, acabou o chão
De balador vou pra Sudam
Bam, Bam, Bam, Bambolê
Tens que conhecer Bambolê
Tens que aprender

CANCIONATA
(José Wilson Malheiros-Otacílio Amara)



Esse rio
É uma ida sem volta
Se espalha e se solta
Me deixa na beira
Água cheia de fatalidade
Navegar mesmo contra a vontade
Queira Deus ou não queira
E nas águas vou eu
Liquefeito a correr
Que não há outro jeito (bis)

Na terra do verde bravio
O azul sinuoso passeia
É a mansa corrente de um rio
Que eu trago correndo nas veias
Caminho de ondas serenas
Teu canto profundo nativo
Eu sei que tu és apenas
Rio Tapajós meu motivo

Ah! Se a vida fosse um rio
E eu uma pequena canoa
Deixava que as águas seguissem
Sair navegando à toa

DIRETAMENTE FALANDO / BOCA DE FORNO

(Beto Paixão)



Se fosse pra escolher
Escolheria você
Que é a cidade da foz
Dos rios que banham cabocla
Herdeira mais pura
Te dou minha voz

Tenho a certeza que só
Como dizia a vovó
Encantos de Alter do Chão
Coqueiros do Curuai
Formam imagem segura
Que nem são as águas
Do Rio Tapajós

Belas praias que posso curtir
Pajussara e Aramanaí
Canto da ave marreca
Te amo assim
Canto o herói dessa terra
Que é o boto tucuxi
Onde anda você
Que não soube escolher
Onde anda você

Se tua linda boca pedir pra mim
Irei correndo e tudo o que tu quiseres
Digo que sim
Se fosse pra dizer diria amor
Se fosse para correr aos teus braços
Eu correria sim

Pulei corda e na roda tirei um verso
Pra exaltar tua voz sei que estou certo
De ir correndo buscar o que tu quiseres
Na boca de forno, forno
Onde mandar correndo irei

Vai, vai, vai buscar o Rio Amazonas aqui pra perto
Vê se traz o violão que isso tá deserto
Tem lenha, faz a fogueira que hoje tem festa
E a noite inteira a dentro vamos amar, que amar é bom

Beijar que beijar é bom
Amar que amar é bom.

O NAVEGANTE

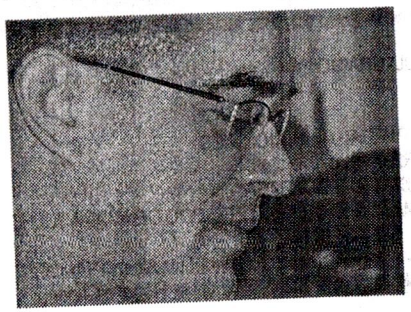
(Otacílio Amaral Erasmo Maia Rui Penna))

Um navio no porto
Olho esse mar
E o meu olhar é um navio
Navego sem parar

Na rua do pôr-do-sol
Eu quero ter um lar
Choro de tristeza
E um torpor me invade
A preguiça desta terra
Enterra a âncora
E finca o meu penar
Parado olhando o mar

O meu destino americano
É uma canção
Eu canto até chorar
E sinto pena de tudo que há
Em volta deste mar

Quem sabe um dia
Eu desenterre o morto
O lusitano avô
E saia deste porto
Pra nunca mais voltar



CANTO DE VÁRZEA

(Beto Paixão Samuel Lima)

Tenho a canção dos ribeirinhos
Como a cor dos talismãs
Nada que sai do verde rio
É vida indo em vão
Com a noite vem o curumim
Na escuridão da sua fome
Do seu viver, viver sofrido
E a cantiga de ninar
Pirão é bóia que vai no rio
No rio que enche
A flor que é mar
Mar de florestas
Grito guerreiro

Na imensidão das palafitas
Nelas são gente mais que você
Você não olha, não pode ver
O que é margem
Terra caída
Terra sofrida
Canção dos rios

Tenho a canção da esperança
Como as lendas do rio-mar
Tudo que vai no sonho
É vida verde, amar
Com o dia vem a cunhatã
Na azul clareza dos seus encantos
Do seu viver, viver sofrido
E a cantiga de nanar
O seu destino, beira de rio
No beiradão, flor do seu ventre
Murchando branca
Gritos de guerra

DANÇA NA MATA
(Beto Paixão)

A lua é cheia
E o salão está vazio
O povo dança
Na sombra da castanheira
O Amazonas dá sinal que liberou
O amor é livre
E pode ser feito na areia

O boto vem
E vai dançar com a cabocla
Cintura fina
Cheirando a patchouli
Olhos azuis
E dizem que ela é morena
É uma pérola
Que brilha nesse rio

Santarém
Vou além
Dos teus encantos



FICHA TÉCNICA:

PRODUÇÃO EXECUTIVA: SECULT SECRETARIA DE CULTURA DO PARÁ
DIREÇÃO MUSICAL: ADELBERTH CARNEIRO
ASSISTENTE DE DIREÇÃO: EDUARDO DIAS
TÉCNICOS DE GRAVAÇÃO: JACINTO KAHWAGE / LUIZ PARDAL / MÁRCIO GOÉS
TÉCNICO DE MIXAGEM: JACINTO KAHWAGE / LUIZ PARDAL
SELEÇÃO DE REPERTÓRIO: ASSOCIAÇÃO CULTURAL CANTO DE VÁRZEA
GRAVADO, MIXADO E REMASTERIZADO POR MIDAS AMAZON STUDIO NO PERÍODO DE MAIO A JULHO DE 2007.

COORDENADORES DO PROJETO CANTO DE VÁRZEA - 25 ANOS: João Otaviano, Luiz Alberto "Pixica", Antonio "Rolinha" Dezincourt, Edmar Rosas, Jair Pedroso, Nilson Vieira, Eduardo Serique, Floriano Cunha, Anderson Dezincourt, Everaldo Martins.